



O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PROPRIET.ª

Casa do Gaiato do Dôrto
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor

PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares

R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

A CASA DO ARDINA é um pequenino centro social dos pequeninos vendedores de jornais, ali no 39 da Calçada da Glória. Muito humilde e muito pobre, como convem ao serviço das classes pobres, ela não faz promessas nem tem programas, muito menos cartaz; também não é vassoira com pretensões a varrer melhor. É uma obra para servir.

O Garoto do jornal, sai do seu cazebre de manhã cedo e apresenta-se na Baixa a tomar conta da venda, laborioso, decidido, esperança de um Portugal feliz. Às tantas, sobe ao 39 da Calçada, a quebrar o jejum. Às vezes, leva já a venda feita e nesse caso, fica. Se não, come e regressa.

Tem ali os vendedores oito horas de trabalho diante de si, até à venda dos respectivos jornais, que são as autênticas oito horas de trabalho, destes simpáticos trabalhadores. Escola, oficinas, arranjo, limpeza, mandados, — todo um programa inteligente, de molde a ocupar os minutos das horas e a dar gosto pelas ocupações.

Eu almocei naquele dia. Foi sopa de feijão passado e carne de vaca com macarrão. Estava a Maria Luiza e duas Auxiliares, tudo raparigas modernas, libertadas de modernices. Comemos à mesma hora, no mesmo lugar e da mesma comida dos ardinas. Tudo igual. Gosto muito desta igualdade.

Um ardina servia à mesa, com giria impecavel. Da cozinha, vinham ditos da mesma sorte. Da assembleia, não se fala; o gaiato de Lisboa não dá a vez a ninguém.

O interior da Casa do Ardina é pobre, como seria a deles, se a tivessem. Pobreza quer dizer suficiência, asseio, ordem, beleza. As chamadas obras de assistência que não acendem aqui, cegam, por ser luz artificial. São orgias desgraçadas. São cultura de miséria em recipientes doirados. São obras de dinheiro, e isso basta para ser um engano.

O centro social ou Casa do Ardina, como está na porta, tem uma dupla finalidade. A primeira é simplesmente negativa: — tirar o garoto da rua. Aquelas oito horas de trabalho que os ardinas hoje tem em sua casa, eram ocupadas ontem noutros trabalhos... A creança não pode estar quieta. Os pequenos vendedores tem necessariamente de andar à vela, que o pobre cazebre não é sitio onde se possa viver, tão pouco onde se esteja, senão só para dormir. Ora toda a gente sabe o que são as ruas de qualquer cidade para o catraio que nelas vive. A natural curiosidade deles, encontra ali o mais facil e adequado alimento.

Isto já é de si muito importante, mas há mais e melhor. A segunda finalidade é ensinar. Ensinar o ardina, na Casa do Ardina, justamente

||

Um documento

Cartas como esta, chegam todos os dias, dos quatro ventos de Portugal; e também dos Açores e de Lourenço Marques! Atenção: — "O rapaz de que falo, é filho de uma mulher que se embriaga. Não calcula como vivem estas creaturas. Dormem em camas peores que a dos cães. Fui lá umas vezes. Há lá mais gente assim. Homens, mulheres, creanças, três famílias separadas por serapilheiras. A casa é coberta de latas e de trapos e tudo de roda deles é trapos, pois aquela gente anda ao trapo. É um pavor. O pequenino fica em casa o dia inteiro, sem nada. "Ele tem 7 anos".

Pois sim. A nossa Aldeia é para os farrapos que apanham farrapos.

A CASA DO

ARDINA

por aqueles mesmos métodos a que eles veem afeitos da rua — uns com os outros; e isto é o que eu lá vi fazer.

A Maria Luiza aprende. Aprende todos os dias coisas novas. Aprende deles, em cada um deles. O garoto da rua é um mestre formidável, uma vez colocado à vontade e a Maria Luiza só é formidável, porque toma as lições deles, — para melhor saber corrigir cada um. Eles estão dispostos a escutar as sentenças da Mãe (assim chamou à Maria Luiza um Ardina que visitou Paço-de-Sousa).

Propõem-se emenda e aspiram a coisas altas, muito embora tropecem todos os dias nas suas resoluções e até, por vezes, caiam. Mas dão fé; ontem, não. Claro está que ninguém pode medir o bem que se faz ao ardina, dentro da Casa do Ardina, com os próprios ardinas; como difficil seria discernir o mal que todos nós fazemos, deixando-os na rua, com a própria rua; nem a Maria Luiza quer medir. Ela contenta-se com o esforço pessoal que despende e o que mais se lhe dá, é que as casas do ardina se multipliquem. Se assinasse ponto, não pensaria assim.

Por amor à missão a que se dedicou, que seria espinhosa se não fôra voluntária, a Ressano Garcia tem de ser a *mulher forte* do Evangelho. Tem de ter uma vida interior sem água benta nem pingos de cera. Oh quantas coisas inéditas; que de conhecimentos íntimos; quantas experiências dolorosas! Como é necessário uma luz divina que faça penetrar o mistério da natureza humana, usando de infinita clemência para com estes seres e de infinita cautela para consigo próprio! Que o diga a responsável pela Casa do Ardina!

Estes conhecimentos íntimos, brotam necessariamente da humildade, sem o que nenhuma obra social será jámais uma obra humana.

Quem se propuzer tratar a sério de gente da lama, tem de compreender que também é lama. Os mais pintados mai-las mais pintadas, mesmo aquêles ou aquêlas que tudo confiaram da sua virtude, — uns e outros tem caído de tanto maior altura quanto mais alto se tinham colocado. Negaram o Mestre. Implícita ou explicitamente, negaram o Humilde do Coração. Somos Pedro no negar. Sejamos Pedro no chorar.

Os Ardinas querem; fazem capricho que a Maria Luiza suba e desça os eléctricos como eles, em andamento.

— Oh rapariga, que quebras as pernas; disse-lhe eu!

— Não que eu uso saltos rasos.

Pois este sincero querer do Ardina, que ela seja como eles, é uma conquista estupenda. É sinal de que eles querem ser como ela, — e está tudo dito.

P. S.— Maria Luiza; obrigado pelo almoço e pelas lições. Cá te espero. Mas olha; amigos amigos, negócios à parte. Se te derem esmo-las para a Casa do Gaiato de Lisboa, como já tem feito, são minhas. Explica. Ensina que são coisas muito diferentes, a Casa do Ardina e as Casas do Gaiato.

Recados do recoveiro dos pobres.

Hora de Getsemani

TINHAM-ME dito que sim. Que a Casa do Gaiato estava na lista. Que o Ministro chegava às 9 e meia. E eu acreditei. Pois quem há que não acredite naquilo que muito deseja!

Preveni o Mestre das obras. Mandei abrir as janelas. Esperei.

Precisamente às 9,30 ouve-se um golpe na campainha. Devia ser Ele. E' o Ministro com certeza. Berro pelo Tiroliro: — Mexe-te. Depressa. As chaves.

Era uma mulher que vinha buscar nabijas!

A'quela mesma hora, ouve-se o buzinar de automoveis do Estado pela estrada de Entre-os-Rios, velozmente, cruciantemente.

Naquela tarde aparece uma visita. E' o Padre Grilo de Matozinhos.

Subimos de braço dado a Avenida «Duarte Pacheco». Conversamos das obras, dos rapazes, de coisas.

—Sim, meu padre; Deus quer as Suas obras cheias de confusão, de trabalhos, de dor.

Sangue, suor, oração, são a argamassa divina das casas que se estão a levantar. E' a sua cooperação. Despedimo-nos. Trazia muita paz. Deixou muita paz. A Paz do Senhor! Volte cá mais vezes, Padre Grilo.

Foi uma tarde de oração. «Prolixius orabat». Pois muito bem. Isto deu-se em o dia 27 de Setembro. No dia 28, estava o Ministro em Coimbra. No dia 29, despacha assim: «Autorizo a concessão de 150 contos». A Cancellaria de Abreu. Na ordem sobrenatural, não há acasos; são tudo casos. Este é um. Em Fevereiro do ano corrente, houvera um outro despacho de 150 contos: «O fim eminente social da Obra, reconhecido em despacho Ministerial de 28 de abril findo, justifica que o Estado volte a dispensar o seu auxilio» Roberto Espregueira Mendes.

O despacho de 28 de Abril do ano findo, de 300 contos, saiu da pluma do Leão e diz assim: «O alto interesse social da obra e os merecimentos que concorrem no homem que pede, justificam, de sobejo, a ajuda do Estado. Por isso a concedo, dispensando formalidades que embaraçam uma acção inspirada apenas em ideais de bondosa e pura solidariedade humana». Duarte Pacheco.

Não sei quem me há-de suceder, mas sei, sim, que se não houver a recta intensão de dar o sangue por amor destes pequeninos farrapos, ninguém nunca arrancará penadas Ministeriais semelhantes a esta, ainda que se pinte da melhor politica. Ninguém; nunca.

Uma declaração de AMOR

3 de Outubro, 1944

Padre Américo

Eu gostava de oferecer ouro para ajuda do Cálix da sua Capela.

Queria evitar ter que o mandar pelo correio, porque para isso é preciso pôr o nome e morada do remetente e eu prefiro ficar anónima.

Seria possível entregá-lo, devidamente empacotado e endereçado, cá em Lisboa, no Banco Espírito Santo? Iria ter às suas mãos, sem dificuldades nem complicações?

E' que eu tenho uma grande dívida de gratidão para com o meu Senhor — uma dívida involuntariamente grande...

Sei que não é com ouro que Lhe vou agradecer nem pagar; mas sinto que, como Madalena ao derramar o seu precioso balsamo sobre Jesus, também quero oferecer um pequeno «luxo» ao meu Senhor.

Diga-me no «Gaiato» se acha bem o meu plano da entrega no Banco, sim?

Muito obrigada!

Não tem necessidade de ir ao Banco; achava mais discreto ir ao 39 da Calçada da Glória, e entregar à Maria Luísa, da Casa do Ardina. Ela comunica. Ou ainda, se lhe é mais fácil e conveniente, no escritório do Frnacfort Hotel ao Rossio, a um dos filhos do Alexandre de Almeida que está sempre. Eles recebem-me ali por amor de Deus, quando vou à capital, e também recebem qualquer valor que em meu nome lhes seja entregue. Ai tem o recado. Diga o que e como resolveu fazer. A sua carta não se comenta. Até agora nunca, mas hoje também digo que «O Gaiato» é o maior jornal do País.

Agora já sabe e já compreende que aqueles que muito amam, muito se lhes perdoa. Reze por mim. Reze pela lama dos caminhos. Reze pela dos salões. Ame e faça amar.

Revelações

O Tiro-liro veio dizer que estava ali um senhor. Aproximei-me; já o senhor tinha transposto o limiar e subia as escadas, triste e devagar. Era um rapaz. Vinha de dó. Trazia um grande saco de viagem.

Em cima cumprimentamo-nos. A dôr tem algo de comunicativo. O rapaz queria dizer, mas as lágrimas não o deixavam. Havia ali um banco. Sentou-se mais eu. Houve uma pausa de alguns minutos. As lágrimas rolavam.

—Venho aqui trazer isto que foi do meu irmão. Morreu no dia 5. Assinava *O Gai to*. Há uns botões de punho para o cálice, que há-de outro meu irmão vir trazer.

Entramos na rouparia. O Filipe (o senhor) desdobra e vai indicando as coisas mais pred.lectas do irmão, saudosamente.

—Fique este dia.

—Sim; quero ficar.

Comeu do nosso jantar, fixando a vista em cada um dos pequenos. Acompanhou-os de muito perto no recreio e nos trabalhos; andou com os pastores pelos campos. Não preguava. Não dizia. Tinha visto ontem o irmão no caixão. Trouxera o seu espírito ainda quente. Sentia necessidade de purificar o amor fraterno. Veio fazê-lo junto de nós, a rezar.

—A minha Mãe é viuva; este é o segundo filho que perde.

Não veio a Mãe. Mandou o filho ler a mensagem de amor materno.

Deus do céu e meu Senhor; que o *Gaiato* seja a palavra nova que apaixonou as almas e lhes dê saúdaes das coisas divinas!

«O GAIATO» FOI VISADO PELA
COMISSÃO DE CENSURA

Noticias Diversas

ESTAMOS sujeitos a um grande perigo; temos, até, sérias probabilidades de anunciar aqui a morte de um dos nossos gaiatos, por desastre. E' a história do carneiro, cada vez mais agressivo e mais valente. A culpa é da tropa que o faz assim.

Há dias, o João Maria da Murtosa e o Pereira da Serrinha e o Ernesto, que não sabe de onde é, estes três abriram a porta do curral, soltaram o carneiro, fecharam as ovelhas e andavam ocupados numa garraíada quando a gente deu fé! À noite houve conselho. Prometeram nunca mais.

A hora das nossas refeições é de tôdas a mais pitoresca. Os nossos rapazes abrem as portas do apetite e do à vontade e entram para o que é deles cem por cento. Os orientadores sentam-se no centro do imenso refeitório, a uma mesa de 4 faces. Eles, em duas extensas alas, em mesas de uma só face. Poucos são os que apoiam os pés no chão; é tudo suspenso. As reclamações entre serventes e servidos são cheias de pilheria, por causa da graça espontânea e do dizer de cada um. Depois de tudo servido, sentam-se os pequeninos serventes que têm, por sua vez, outros a servi-los. Enquanto estes últimos comem, na cozinha espaçosa e denegrida dos séculos, dois garotos lavam a loiça gordurenta; dois, a dita branca; dois cozinheiros mai-los ajudantes, a loiça de fogão. Os felizes a quem coube a sorte de rapar, bezuntam mãos e cara à roda dos tachos. Dentro, refeiteiros limpam e ajeitam mesas e bancos, deixando um ar de beleza e de frescura em tôdas as suas pequeninas obras. Quando chega a hora do recreio deste grupo, já os companheiros tiveram o seu, e ocupam-se agora de outras obrigações. Oh homens que riscas na assistência; o primeiro passo a dar, a bem desta classe de assistidos, é respeitar, libertar; ensiná-los a voar com as asas que eles tem.

OUVIA-SE um grande tropel pelos corredores além vindo dos lados da cozinha. Quem será a estas horas, cis-me? Não era dia de automóveis; não se esperava ninguém! O ruído vinha-se abeirando cada vez mais; era o tropiar de qualquer cousa como botas de soldado, por entre um alarido de estremecer. Que havia de ser? Eu tinha chegado ontem à noite, depois de uma ausencia de nove dias. E' preciso que eu saiba tudo; que eu veja tudo. E aí vem a malta com as nossas duas vitelas! As patas eram as botas.

Dali, seguiu a tropa para a enfermaria onde o nosso Constantino ainda se encontra. Entraram as duas vitelas. O doente desata à gargalhada. Os companheiros levam-nas mesmo à beirinha da cama; êle faz-lhes festas, ri mais, participa do barulho desgraçado de todo aquele adorável disparate. Foi uma injeção de alegria; temos a cura à porta.

MANDARAM-NOS uma caixa com uma dúzia de piões e barações. O Mário deu fé. Passou palavra. Começam os meus tormentos.

Não posso trabalhar em lugar que eles saibam. Para escrever *O Gaiato* tenho de me esconder. Quem nos manda mais piões?

CHEGOU uma caixinha com oiro registada. Trazia por fora oiro e logo os dois concluíram e exclamaram: *é para o nosso cálice*. Abrimos na rouparia. Eu retirei algumas peças e fui-me embora. Daí a nada veem os dois roupeiros, Periquito e Zé Eduardo: *olhe o que deixou ficar*. Um anel e uns brincos.

A' noite houve sessão. Os dois foram

chamados ao meio e tiveram cada qual um beijo e um pau de chocolate. Não, seguramente, por terem cumprido o seu dever, mas sim para notificar e realçar a nobre acção.

AS rôlas já estão instaladas em sua gaiola, feita pelo António e o Amadeu. O Pepe ficou de fachina. Elas cantam que é um regalo.

QUEM havia de dizer que o Filipe do Seixal, o selvagem da moirama, é um ótimo elemento na nossa Comunidade! Garoto que não queira trabalhar tem-no à perna: *O' coisa, tu não trabalhas?*

O Carlos de Tabua, o cozinheiro chefe, veio ontem ter comigo às obras da Aldeia, na hora do seu recreio.

—Que queres?

—Pedir a bicicleta.

—Para quê?

—Para ir a Cete.

—Que vais fazer?

—Comprar um pião.

Achei muito certo. A idade assim o pede. O rapaz tem o seu ordenado.

O pião é o que reina presentemente.

—Uma faniqueira, pediu o Domingos.

—Que é isso, rapaz?

Não sabia. Agora já sei. E' a baração do pião. Aprender até morrer.

O António e o Celorico e o Amadeu pretenderam uma boina. Estes já são *homens*. Podem pretender. Como aqui na visinhança elas eram caras, que fizeram? Entregaram o seu dinheirinho ao Julio e este, que tinha de ir ao Porto aviar recados para a Casa, assentou no conhenho: —3 boinas.

NOTA DA QUINZENA

Os jornais daquele dia anunciaram que o Senhor Ministro das Obras Públicas visitara os bairros pobres da Capital, um pôr deles, segundo a notícia, e que dissera assim: — «A visita excedeu as expectativas mais pessimistas. Vou tratar, em colaboração com a Câmara Municipal, de enfrentar o problema no sentido prático, o mais urgentemente possível, em harmonia com o que impõe a realidade. Temos de unir as mãos para enfrentar o problema da habitação das classes pobres».

Tocou-se na ferida. A guerra está toda aqui. Quere-me parecer que, se os grandes das nações e cada um na sua, quizessem unir as mãos para enfrentar o problema, teriam feito obra melhor do que a das conferências internacionais para uma segunda Sociedade das Nações, sucessora da que morreu em Genebra a tantos de tal, sepultada em campo raso, dentro dum grande palácio—Deus confunde a soberba!

O nosso Ministro quiz ir ver e daí resultou uma pavorosa declaração: — «a visita excedeu as expectativas mais pessimistas».

— Venha ver, meu senhor, roguei eu de uma vez em Coimbra a respeito do celebre bairro das tocas, que ainda lá está.

— Oh! eu não posso ver essas coisas!

E não tem ido. Relatórios e panos quentes, tem sido o remédio preguiçosos.

para um mal que alastra a cada momento, em vertigem.

O problema devia ter sido posto por cada um de nós. A libertação da miséria dos nossos irmãos, devia ter sido feita pelos próprios irmãos, amorosamente, voluntariamente, sem a força da lei nem o medo das cadeias. Devia, mas não tem sido feita. O delírio das riquezas, acarretou o delírio da miséria. O arranha ceus produziu o tugurio. A caga ao dinheiro por amor do dinheiro tem feito a legião dos pedintes. Partiu-se o fiel da balança. Está tudo desorganizado.

Já estamos a sofrer.

O engano dos cofres está aí. Está cá em casa.

Noutro dia, em Lisboa, dei-me sem cair. O comboio chegou atrasado. Não havia onífe, nem que comer.

São as restrições, são as tabelas, são os protestos, são as listas, o comércio negro, as listas negras, a desconfiança, o medo — partiu-se o fiel da balança; está tudo desorganizado.

A nossa bezerra

ESTAVA eu ocupado em Miranda com estas regras, quando oiço um tropel e muito gritar: — Olhe a nossa bezerra! Era a bezerra, que alguém de Oliveira do Hospital nos ofereceu, e tinham ido por ela à ponte de Morcela o Pedro e Joaquim. Saíram de lá os bipedes mai-lo quadrupede às primeiras horas da manhã e eu estava a escrever à luz, quando chegaram. Senhor Doutor, que o nosso Bom Deus acrescente a sua casa.

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Era de um fogão, mas já tenho. Deram-me na Capital uma pancadaria de contos para ele. Agora, ando enrascado com a conta da instalação eléctrica nas nossas moradias — 40 contos. Claro está que não se espera que haja alguém no globo que venha aqui dizer tome lá; não senhor. Mas cada lampada fica por 300\$00. Elas são perto de cem. Ora se é verdade que é muito difícil haver um que dê a quantia de cima, também é verdade que pode haver muitos a dar a soma de baixo; o que para mim é perfeitamente igual.

Mais em Lisboa 5\$00 nas ruas, e mais 50\$00 no mesmo sitio, e mais num terceiro andar mil escudos. Não fui de elevador, mas ainda assim ganhei. Outras teem subido mais, por muito menos; até eu!

Mais no 54 dos Clérigos 20\$; mais 20\$; mais 20\$; mais 20\$; mais 200\$; para ajuda do cálice. Mais roupas novas, mais leitura infantil, mais um vigéssimo, mais um dito.

Mais em Coimbra uma data de coisas de prata e de ouro para o cálice, mais na mesma terra e para o mesmo fim, uns brincos preciosíssimos e uns bocados de ouro.

Mais 100\$ de uma mulher do povo, na igreja de Paço-de-Sousa. Não creio que ela seja da terra. O Júlio foi ao Porto comprar um meio de sola e chegou esbaforido: — deram-nos tudo! O Porto é assim. Eu estava num dos nossos Ministérios com um grupo de trufos: Sabem uma coisa? O Porto deu este ano mil e oitocentos contos para os Pobres!

Senhor doutor do Seixal, o porco?! Quem pode chegar aos porcos, a trezentos mil reis cada quinze quilos deles?! Andelá.

Mais do Alentejo objectos de ouro velho, a saber: Uma libra, um dedal um anel, uns brincos e um par de botões de punho. Mais 30\$; de um visitante e do mesmo, 20\$; para a nossa Conferência. Mais 50\$; de Lisboa.

Tenho-me estado a lembrar que talvez do Seixal não possa vir com licença o porco, pelo incomodo da viagem. Quem há aqui mais perto que nós dê um? Agente vai por ele; é só apitar.

Mais 100\$; de Penedono, para a capela, mais rebuçados da Murtosa — disse.

Panorama Social

As portas do Lar, em Coimbra, fui dar com um grupo de crianças esfarrapadas, à roda de uma mulher da mesma sorte.

— Fiquei viúva com 9 filhos!

Eles estão ali todos. Trata-se de uma família da Serra, fugida ao desamparo das nossas aldeias.

— Quere ir para a sua terra?

— Oh meu senhor; lá não há ninguém que tenha pena.

Passa ali casualmente o Professor Elísio de Moura, com uma das suas pupilas pela mão. Para. Escuta. Toma uma do grupo. Eu faço o mesmo a um. A viúva agradece e lá vai desnorreada, com os sete pela mão, a prègar ao mundo o nosso desmazêlo, o nosso atrazo, a nossa sostrice, ali mesmo nas barbas da sala dos Capêlos, onde doutores sublimes têm seus cadeirais para fazer discursos.

Tão pobre que nem camisa tinha, ela revelara de quanto houvera rezado e chorado, ao entrar naquela manhã, as portas de Coimbra; e é muito possível que ainda hoje continue errante por outras terras, a dormir com os filhos nos beirais, que os homens de agora, por muito civilizados, esqueceram-se que somos todos membros de um mesmo corpo — Jesus Cristo.

Chora e reza, a viúva da Pampilhosa da Serra! Talvez tenha sido pastora em pequenina, tanto o amor que ora mostra, pelo rebanho que traz. Se tens alguma camisa a mais ou pano de que a possa fazer, manda para a redacção do Gaiato. Quem sabe se ela dá volta e regressa ao mesmo sitio, mostrar o sangue das feridas; — que ela é mais fácil fazê-las do que curá-las!

Eu fico de mãos postas, à tua espera.

VENDA DO JORNAL

É já de noite quando os garotos chegam do Pôrto, agora que as horas são as do sol.

O João foi o primeiro a berrar dos claustros a novidade, que vinha mesmo na ponta da língua: — hoje foi um dia atestado, vendemos tudo, tudo! Disseram como no Imperial e no Palladium alguns criados impediam a entrada, por não saberem ainda das ordens superiores, mas entraram. O Júlio também declarou que ouviu de um dos condutores dos eléctricos; quando ia a entrar — olha que levava uma chapada!

— Qual chapada; e entrou! E muito mais coisas, que se houvesse de as publicar tôdas, não tinha lugar para mais nada.

O Júlio vendeu 100 jornais, 3 livros, trouxe uma esmola de 20\$00, deu senhas, pediu se podia trazer um garoto esfarrapado que lhe pede para vir, e trouxe 70\$00 de acréscimos.

O Óscar vendeu 100 gazetas, também 3 livros, trouxe uma assinatura, deu de comer, entregou 50\$00 de acréscimos e 2\$50 para a nossa Conferência.

O Luciano vendeu igual ao Óscar.

O Amadeu vendeu igual ao Luciano e mais 3 livros e deu de comer e entregou 25\$00 a mais.

O João trouxe 30\$00 de um assinante, deu de comer, vendeu 2 livros e entregou 10\$30 de excesso. Tem ordem de dar 10\$00 à Mãe, mas não a encontrou. O Zé Eduardo só vendeu 63 jornais para sua vergonha e entregou 12\$00 a mais. Deu de comer e vendeu 3 dos nossos livros. Cada livro que nos compras é uma pedra que levantas.

O Augusto vendeu 84 jornais e

PARABENS

Os festejados de Outubro receberam e agradecem os presentes da cidade do Pôrto e da vila de Paredes.

Em Novembro fazem anos:

O Valdemar, que nasceu a 2 do mês de 1935.

O Manuel Maria, que veio ao mundo em 25, de 1936. Ambos são do Pôrto.

Não sabem dar conta de si e por isso não fazem anos os seguintes:

Pepe, deve ter 16 anos, Mário Fernando, aparenta 11. Ernesto, talvez uns 8. José Maria, dou-lhe uns 14. João Marques, o nosso "Tiro-liro"! Quem havia de dizer que o Tiro-liro não sabe quem é! Pois não sabe, não senhor. Apresenta-se como quem tem 12 anos.

Dizem ter nascido, respectivamente, em Espanha, em Lisboa, em Rezende, em Cinfães e no Pôrto. Dizem, mas não juram.



Não morreu ninguém! Nem eu quero que tu morras, sem me escutares na Emissora Renascença

do Pôrto no dia 2 do próximo, às 20 e às 21 horas.

O luto, é para indicar que é dia de Finados e que por amor deles, a tua esmola para a Casa do Gaiato, será; há-de ser piedosamente generosa.

2 livros, e deu de comer, e trouxe um novo assinante e 30\$00 de acréscimos e deu senhas. Todos tiveram casa onde comer, excepto o Luciano que tomou leite algures. Deram o recado do senhor F. Ribeiro. Sim senhor; tenho cá a nota. Logo que tenhamos os balneários, eu apito. O Zé Eduardo trouxe o cartão da família que lhe deu de comer e recado da mesma para abancar, sempre que vá à cidade. Os do Hotel da Batalha não querem nunca ceiar! Não viram desta vez o Zé Ninguém.

Na vila de Paredes, venderam os irmãos Júlio e Amadeu. Cada um despachou 30 jornais e venderam 4 livros e trouxeram dois assinantes novos e o dinheiro de um antigo.

Viva o povo de Paredes!

Temos mandado até agora somente seis deles, com jornais, mas tencionamos chegar ao dôbro, uma vez que o Pôrto se deixa conquistar e gosta de os ver nos cafés, nos eléctricos, nas igrejas e por toda a parte. É simplesmente delicioso ouvi-los, no regresso, a contar, a gesticular, a berrar ao mesmo tempo — ó coisa, cala-te lá que agora sou eu! Diz o Júlio que um senhor lhe preguntara:

— Mas como é que vocês se curam dos vícios da rua?!

— A trabalhar.

E como esta, eles dão respostas luminosas às mais negras dúvidas. Pelo trabalho, sim, — e pela Graça. A acção directa e imediata de Deus sobre as almas, é um facto. Esta verdade não está sujeita nem é condicionada pela crença ou descrença de cada um. Ela é.

DO QUE SE FAZ E DO QUE SE DIZ NA Casa de Miranda

A caminho de Lisboa, vê o pulso dos novos governantes, fiz alto em Coimbra e subi à Casa do Gaiato, depois de ter assistido ao matrimónio de mais um Rapaz do Lar de Coimbra, o Manuel Carvalho, empregado comercial, a quem desejo anos de venturas.

Na estação de Miranda, estavam o Tripas do Pôrto, o João Carlos de Lisboa e o Vieira de Cete. Não me foi nada fácil fazer a desrinça do que eles iam narrando pelo caminho além, porque todos, ao mesmo tempo, contavam sua história diferente. Em casa, sim. Depois do costumado avôrio, vim a saber alguns importantes acontecimentos. Ei-los: O Caracol caiu a um poço. O Santinho estava ao pé, mas como não sabe nadar, berrou Acudiu o Espinha. Ora vamos a saber quem está por detrás dos alcunhas e qual a razão delas. O Caracol é o Luiz de Condeicha. O nome, vem-lhe do cabelo com que ele se apresentou. O Santinho é o Carlos Alberto da Figueira, falsificador de assinaturas! Tem um ar todo serafico, daí o santinho. O Espinha, é o António da Figueira, também. Veio muito doente, da fome que rapou, e logo lhe arrumaram com o apelido, impiedosamente.

○ Zé Maria foi-me mostrar o gado. Já viu o nosso boi? E lá fui eu atrás do simpático castrão, ver o boi. Olhe que bonito! A seguir mostrou as ovelhas e todos os currais onde temos haveres. O carneiro de cá, é um animal famoso. Faz de burro, informa o Zé Maria. E conta de como o Freitas o atrela ao carro de mão.

○ Augusto, quando tentava apanhar uma flauta que lhe caíra ao tanque, caiu também. Aos gritos de *ó da guarda*, logo apareceu um pequenino cego de mão, e tudo ficou no susto. O Augusto é do Algarve e não parece; fala muito pouco. Era o guia de sua avó, ceguinha e pedinte dos caminhos daquele reino. Quando soube desta casa, a ceguinha preferiu ficar sem neto, a que ele se perdesse na companhia dos pais, entregue ao Governo, ao que consta. Ele ha egeos com tanta luz!

VIM encontrar cá em casa um pombo correio. Foi o nome que puzeram no dèles que tem a obrigação de impôr silêncio no refeitório. Ora como ele nem sempre é venerado da malta e vni participar à senhora, aconteceu que logo um o baptizou: — *lá vai o pombo correio!* Estes rapazes da rua são cheios de foforo; por nada fazem lume. Orientar as suas qualidades, aproveitá-las sem as apagar, afigura-se-me ser uma acção de notável valor. Se não é, dizer, para eu não andar enganado por mais tempo.

○ nosso Alfredo é o da limpeza das escadas. Veio ha dois anos. Tinha quatro. Era filho de pedintes das feiras e irmão de mais oito. Levou mais de um ano a encher os ossos de carne. Chamavam-lhe o Formiga. Hoje está muito melhor. Chamam-lhe o Formigão.

DEPOIS de um dia de 24 horas dispendido entre estes meus, desço a Coimbra, muito a horas de tomar o comboio de prata para Lisboa. Nos tempos em que ele era o Flecha, num ai se chegava ao fim. Agora não. Dá-nos horas para comer, para falar, para dormir e trabalhar. Puxo do meu livro de notas e ordeno as coisas para ganhar tempo na brenha dos Ministérios. Eles são tantos e tão distantes; e dizem que vão fazer mais! Vão crescendo os tormentos à maneira que a nau aumenta. Leio *Bolsas*. Sim. Vou tratar de bolsas de estudo para alguns dos meus, que são verdadeiras vocações intelectuais. Leio *Ministro da Economia*. Vou pedir o estudo e construção da casa agrícola da nossa aldeia, por intermédio da Brigada do Porto. Nós temos de cultivar todos palmos e tirar da terra o máximo rendimento. Leio *Ministro da Educação*. Vou

CARTA DE LISBOA

A CASA DO ARDINA

«E' o próprio ardina quem educa o ardinal.»

E se quiseres observar de perto esta verdade, vai à «Casa do Ardina» (Calçada da Glória 39) e toma conhecimento com os quatro chefes da «Casa»: *Adelino Marques, João Colaço, Raúl da Silva e António Marques*, bem como com os dois vigilantes: *António Gonçalves Pereira e José Nunes*, e eles te explicarão o que eu não sei explicar...

Aquêles rapazes até há pouco insubordinados, insubmissos, desordeiros, por vezes, são hoje os que teem a maior das responsabilidades da «Casa do Ardina» à sua conta: a educação dos outros ardinhas!

E é vê-los darem as notas de comportamento e aproveitamento, ensinando os novos a cumprirem e a viverem o pequeno Regulamento da «Casa» que nada tem de extraordinário, e obriga mais de amor, do que de... violência!...

Para lhes dar a noção dum trabalho positivo, deu-se a cada grupo uma virtude a cultivar especialmente pelo chefe e pelos que lhe fôram confiados, e a responsabilidade de um andar da «Casa».

Assim temos na cave, o *Adelino Marques*, com o grupo da «Caridade»... E eles que eram tão prontos a zangas, amuos, pancada, sei lá!...

No rés-do-chão, o *João Colaço*, com o grupo do... «Trabalho»... E havia tanta mandrice, tanta preguiça nêles!...

No primeiro andar o *Raúl da Silva* com o grupo da... «Verdade», aquela virtude que tomamos como lema da obra toda!... E a pouco e pouco os que eram mentirosos tomam horror à mentira...

No último andar e escadas, até à porta de entrada, temos o *António Marques* no grupo da... «Pureza», com todos os pequeninos da «Casa», a ensinar-lhes logo de começo a praticar sempre o bem, em tudo!...

Aos chefes é pedido muito, são eles que devem dar o exemplo e ajudar todo o trabalho da «Casa», quer material, quer intelectual, quer, sobretudo, moral.

E para mostrar aos outros ardinhas que o Chefo é quem mais responsabilidades tem e quem mais e melhor os serve, é ele que tem como missão o trabalho humilde de apanhar o lixo, quando da limpeza da casa.

Aprendem e ensinam as virtudes assim em simplicidade e alegria!...

E ao entrarem lá dentro, mais não vêes, do que amor ao bem, à pureza,

agradecer as escolas já creadas e preparar a criação de mais escolas, dentro das nossas casas. Leio *Ministro das Obras Públicas*. Vou agradecer o subsidio de 29 de Setembro último. Leio *Comissário do Desemprego*. Vou receber o dito com as facilidades do costume e pedir roupa. Leio, com sua licença, *Retretes*. Vou aos monumentos Nacionais pedir um arranjo, de higiene e de decencia, junto à igreja do Mosteiro de Paço de Sousa. Não tenho alma de ver tantos séculos de beleza indecorosamente tratada. Leio *Ministro da Justiça* Vou tratar de Negócios do Lar dos Pupilos dos Reformatórios. Leio *Ministro do Interior*. Vou-me apresentar. Leio *Trigo de Negreiros*. Vou gemer. Leio *Diniz da Fonseca*. Vou agradecer.

Levo três dias para todas estas voltas, sendo dois e três quartos para esperar e o resto para falar.

— Olhe, está a despachar.
— Olhe, está em conselho.
— Ainda não chegou.
— Embranqueci, desde que piso as salas e os corredores da Arcada.

à verdade, ao trabalho, a todos, a Deus, numa palavra, mas tudo de um modo especial, muito... ardina!...

Consolam-nos assim tanto das inúmeras desilusões de cá de fora...

São eles que nos animam a trabalhar, a continuar a pedir e a gritar... pelos ardinhas, sabes?...

Ainda no domingo passado, tivemos ocasião de ver quanto podemos esperar dos métodos de educação... ardina!...

Uma torneira mal fechada, sobre um lavatório entupido, deu uma verdadeira inundação numa das casas de banho. Ao darmos por isso, corremos à torneira de segurança. O *Joãozinho* — 8 anos franzinos e irrequietos — recomenda-nos, aílito: «Não se molhe, minha senhora, eu vou lá!...» E mal tiveramos tempo para sustar o desastre, olhamos para o lado, e vimos o nosso *Joãozinho* de balde e pano da casa, que fôra buscar à cozinha, a descalçar os sapatos e... meias (era... domingo!) com um: «Nada, não se vão estragar!...» e a pôr-se com toda a gana ao trabalho de apanhar a água...

Sentimos então que a «Casa» é do *Joãozinho* e de todos os outros que ali passam as melhores horas da sua vida, numa aprendizagem difícil a de...

Serem HOMENS, um dia, na melhor acepção da palavra!...

MARIA LUÍSA.

Pobres de Cristo

Acta
N.º 4

No dia 14 de Outubro de 1944 fomos visitar os pobres do costume de S. Lourenço de Bairos e do Assento. O do lugar do Assento que eu dizia que estava doente morreu.

Morreu no dia 12 às 9 horas da manhã deixando a pobre mulher viúva e com 3 filhos sem pão nem nada. A mulher dêle tinha-lhe dado um ataque já à muito tempo e nunca está quieta. Fomos no outro dia ao funeral dêle ficando a nosso cargo todas as despesas. O Presidente que é o Alfredo do Pôrto levou a chave do caixão posta por uma pessoa de família. No outro dia do funeral fomos também a uma missa, mas não sei se foi por alma dêle. Só depois é que o sr. P.º Américo celebrou uma missa por alma dêle. O de São Lourenço está já há muito tempo entredado e já muito cansado a mulher também já é velha. Não teem mais do que os farrapos que vestem. A mulher só tem uma saia e um avental e uma camisa de homem que lhe deram e já muito velha. Leva essa roupa para todos os sitios que vai ainda não recebeu os talleres.

O de Bairos precisa de legumes para comer, ao mais não anda doente graças a Deus é o que se quer. Com isto termino e até de hoje a quinze dias.

O secretário
José Eduardo

Pão dos Pobres

E' um livro do Padre Américo, que já vai no 3.º volume, alguns dos quais em 2.ª edição. Nele se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o pobre e de como ele se lamenta.

Adquire hoje o livro.
Vende-se nas Bibliotecas do País

Aleluia

Chegou finalmente à nossa Casa àquela hora por que há muito suspirava; temos agora um pequenino com doença de categoria. E' o Manuel Delfim. Anda na casa dos 9 e já conheceu por dentro os cárceres do Pôrto!

Deu-lhe numa perna com grande dor e ficou a arder em febre. *Ai minha Mãe do Céu*, gritava, o inocente, mais grito de alma do que interjeição. Diz o Médico que é um caso muito sério e para muitos meses. Está muito valorizada a nossa enfermaria provisória, tem agora a nossa obra muito mais merecimento. O Pai Celeste visitou-nos!

Senhor do Pôrto que me dá a enfermaria, honra lhe seja. Já estamos nos alicerces. Ela fica pertinho da capela, que Outro senhor do Pôrto me deu. São para mim dois santuários. Num, adoro Jesus, Hóstia-Viva. Noutra, hóstias vivas que são Jesus. O meu pequenino Delfim, ontem farrapo da montureira, é hoje a hóstia viva da Casa do Gaiato do Pôrto. É luz que vai alumiar e aquecer. Assim eu seja capaz de o servir como ele merece. Oh mundo, que tanto necessitas de misericórdia, de misericórdia, de misericórdia! Só por ela te salvas. Só os misericordiosos ensinam.

ENTERROS

Os nossos rapazes aparecem, às vezes, num entêrro. Quando morre algum dos nossos Pobres, vão os pequenos da Conferência tomar parte, pagar despesas do funeral e mandar sufragar a alma do defunto. Assim tem sucedido. Assim succedeu na última semana em Paço-de-Sousa. E até, alguém, entregou a chave do caixão ao presidente da conferência, o Alfredo do Pôrto; honra seja a quem o fez. E até, ainda, este facto deve ser levantado e meditado; tanta força tem no mundo a esmola cristã, que naquele acto solene, no meio de gente boa, foi a chave confiada ao ex-vadio das ruas. Foi ele considerado o maior de todos, só porque visitou muitas vezes, em vida, o amortalhado que tanto sofrera!

Esta é a razão pela qual os nossos rapazes, às vezes, podem aparecer em funerais.

Por mais nada. E já agora que falamos em funerais, a caixa da nossa conferência ficou sem nada.

O nosso ano Escolar

O Ministro da Educação Nacional, criou Postos Nocturnos nas Casas do Gaiato, e pedido nosso.

O nosso sistema de ausência de creados e a necessidade de ocupar os Gaiatos durante o dia, a isso nos obriga. Eis os frequentadores da escola da noite:

O Alfredo do Pôrto, trabalhador do campo. O António do Bairro, carpinteiro. O Amadeu da Covilhã, idem. O Luciano de Coimbra, ferreiro. O Periquito da Granja, roupeiro. O Bártolo de Leiria, ajudante de cozinha.

E mais estes, todos do campo: O António de Amarante, o Filipe do Seixal, o Daniel mai-lo Raúl de Paços-de-Brandão, o Zé Maria de Cinfaes, o Jacinto da Guerda, o António da Granja, o Parolo, de Vilar de Paraíso, o Durães do Pôrto.